JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

REFLEXÕES MODERADAS

Antes do governo do J. Franco podia affirmar-se, que o republicanismo portuguez não vinha do odio á monarchia, que nunca foi despotica, nem da necessidade de obstar a uma influencia retrograda, como no Brazil.

As instituições actuaes ainda não precisam de violencias para se manterem, emquanto que a republica precisaria d'ellas para estabelecer-se—se não precisasse, o sr. Antonio José d'Almeida não diria n'um discurso publico, que *preconisava* o *ferro* e o *fogo*, e contra a doutrina da evolução, de que se declarou sectario.

E' uma notavel differença, que entre nós tira muito valor ás ideias republicanas, vagamente theoricas, e mais filhas da imitação e exemplos estranhos, que do maduro exame das condições internas e externas da nação portugueza.

De impoliticas, e de ineptas classificaremos todas as medidas violentas e excepcionaes de que se usou.

No *Districto d'Aveiro* de 11 de Janeiro de 1897 escrevemos o que se segue:

Se a nossa administração tem sido defeituosa, se alguns erros economicos a desvairaram, não é o systema republicano o que em si contém a virtude de corrigil-a. A economia póde ser bôa ou má tanto sob um como sob outro regimen —a fórma politica não influe nos actos administrativos e financeiros —a acção dos republicanos no poder ainda talvez fosse peior. Nada garante o contrario. E comtudo vemos atacar a monarchia principalmente por esse lado.

Se alguns governos forani e são arguidos de esbanjadores, não é a republica, que os evita, nem os abusos d'esse genero derivam das fórmas politicas na republica ou na monarchia liberaes—comtudo é por ahi que os clubs e os orgãos republicanos aggridem a corôa com mais ardor e insistencia, tornando-a responsavel—outras vezes deprimem o systema monarchico como artificial, onde as classes altas exploram as inferiores, e em nome da *evolução* o prescrevem

Ora se a evolução é a lei da historia, tambem por ella se legitíma a monarchia representativa, é esta tambem um producto das forças organicas que movem o mundo, e na verdade se ha um facto politico ao qual deva applicar-se é a essa fórma de governo, em que da ordem antiga apenas se conserva o rei, o orgão supremo, mas modificado, como se sabe, e no resto as instituições são todas a que creou a revolução franceza.

Portanto não é uma exploracão, um artificio, é uma fórma legitima do desenvolvimento das nações modernas.

As monarchias rasgadamente liberaes, essas, em que o despotismo não se occulta sob as fórmas da soberania popular, e onde um conluiu de oligarchas não absorve todo o poder e toda a influencia, ainda estão cheias de vida, ainda um longo futuro as espera.

E' preciso, sem duvida, que a politica se não reduza às intrigas e rivalidades dos corrilhos, e se applique sériamente aos problemas de interesse geral=é preciso, que a simonía do voto não annule completamente a vontade nacional ou a mais esclarecida, de modo que o governo não seja um negocio entre os influentes.

E como se remedeia esse defeito? Com a republica succederá o mesmo, e d'um modo mais grave:

Tudo depende da eleicão - e a eleição depende das condições moraes e materiaes do paiz—e estas não mudam com a fórma politica—os resultados viriam a ser iguaes, ou semilhantes, senão peiores, porque faltando o soberano não ha quem obste ás demasias dos partidos dominantes.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

A SUMMULA DE UM DISCURSO REPUBLICANO

No parlamento o sr. Brito Camacho apontou como actos sensuraveis, ou erros de governo.

1.° O augmento progressivo da divida publica.

2.° A absorpção pelo Estado de uma parte consideravel do meio circulante.

3.° Um systema tributario, que tem por base as mais flagrantes desigualdades e injustiças.

4.° O regimen do imposto, que encarece extraordinariamente a vida, entorpece a circulação dos productos nacionaes, onerando-os com encargos incompativeis

5.° O abandono dos nossas proprios mercados da metropole e das colonias.

6.° O desconhecimento das circumstancias, em que se movem actualmente ás forças economicas nas nações mais avançadas.

Assim se lê n'um extracto das sessões parlamentares feito pelo *Mundo*—que avalia o discurso do seu correlegionario do seguinte modo.

«Tudo isto constituio um formidavel libello formulado por quem soube por acima do *falso criterio* e *da disciplina monarchica* os altos interesses da verdade e da justiça».

Ora desde ha 39 annos, que o signatario, sem ser republicano, nos jornaes do nosso districto, n'uma *Revista*, e em um folheto, publicado em 1870, diz o mesmo, e o repete, antes do sr. Brito Camacho, a quem ha dias enviou um numero da «Revista Nacional» sobre iguaes assumptos.

Que tem a monarchia, o *seu criterio* ou a *sua disciplina*, com os erros economicos?

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

Ao Correio d'Albergaria-a-Velha

Agradecemos ao illustrado redactor do *Correio d'Albergaria* as benevolentes e generosas expressões, com que nos distingue e confunde.

E' digna de todo o louvor a maneira, por que alli no desenvolvimento agricola se encara a questão vital do paiz, e a energia com que se verbera a incuria dos governos—e a suggestão interessada, a que obedecem.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

ASSUMPTO LOCAL

Não por menos consideração, mas sim por falta de tempo, deixamos de responder ao illustre articulista da «Patria» que, nos seus artigos, trata dos «interesses municipaes.»

Tambem nenhum prejuizo houve, porque a nossa vaidade, de certo, não nos ha-de obsecar a ponto de nos vituperarmos, elogiando-nos.

Não dispomos da bagagem scientifica de que dispõe o nosso douto contendor, nem nos suppomos de mais videntes.

Reconhecemos a nossa ignorancia porém não discutimos assumpto, que não conhecemos, nem fazemos affirmativas, que não possamos provar.

Somos modestos, muito modestos. Respeitamos, em excesso, as opiniões alheias, sem comtudo deixar de as discutir, quando d'ellas discordamos.

Concordar só para agradar, não está no nosso feitio; bajular, tambem não.

Frios, serenos sem obsecação partidaria ou impulsionados por affeições pessoaes, apreciamos os actos dos nossos inimigos.

Não procuramos agradar a nós mesmo, ou qualquer grupo, ou collectividade, ou ainda a qualquer pessoa, com o que aqui escrevemos.

Da mesma forma não procuramos guindar-nos á supremacia de dispôr dos outros, ou impôr-lhes, autocraticamente, o nosso pensar.

Podemos peccar, repetimos, por excessiva modestia, e com isto não nos elogiamos, antes nos depreciamos.

O que é do interesse local tratamol-o sem espirito partidario.

Não vemos, porem infelizmente, proceder da mesma forma.

E senão, entre outros factos, basta notar a forma como o nosso illustre contendor, tratou o assumpto da salubridade publica, queixando-se, e com razão, das immundices, que correm em parte das ruas da villa.

Gritou e protestou contra a inercia da camara.

Só esta corporação, é que, é a culpada de tal abuzo.

Porque tal animosidade?

Não sabemos, ou, melhor, sabemos.

E' a necessidade politica que se impõe e obriga a tal proceder.

Em saude publica ha muito mais a dizer. E o illustre articulista, que conhece muito bem o regulamento respectivo, e sabe, portanto, qual o funccionario sobre quem impendem as maiores obrigações, tudo esquece, para sómente vêr a sombra negra da camara.

Mas vamos adeante.

Reconhece a «Patria» que o nosso cemiterio ainda pode servir durante mais alguns annos.

Quantos? Não o diz.

Mas parece-nos que esse espaço será mais do que sufficiente para se conseguir a receita para um novo.

Qual é a receita? responde-nos o illustre articulista: 1.° as quantias que deram os donos das propriedades confinantes com o cemiterio existente; 2.° os apanhadiços do Furadouro, villa, e do caes da ria; 3.° as aguas sobejas da Ponte Nova, Outeiro, e Praça; 4.ª a cobrança rigorosa das multas, por transgressão de posturas; 5.° a cobrança de todas as licenças para construcção de obras e depositos de materiaes; 6.° taxas para licença de caçar; 7.° a prestação de trabalho.

Perdoe-nos o illustre articulista, mas com tal plano financeiro, não se pode cumprir coisissima nenhuma.

Desfiemos: 1.° subscripções particulares para obras municipaes nunca deram nada, como tem mostrado a experiencia. E senão haja vista o que deu a subscripção aberta na «Patria» para a reparação da meia laranja de Casal.

Isto foi um facto passado ha dois dias, que não pode estar esquecido.

2.° Os apanhadiços dos caes e feiras são arrematados todos os annos e produzem uma quantia insignificante.

Os do Furadouro foram arrematados um anno, levantando-se uma opposição grande, e tambem quasi nada produziram.

Os da villa nunca foram arrematados, nem o devem ser.

Comparando a nossa villa com outras, podemos vangloriar-nos de que temos muita limpeza superior até á de muitas cidades.

Temos muitos pobres, que se soccorrem dos estrumes, que apanham pelas ruas.

E' um costume antiguissimo, que não pode nem deve ser derogado, porque o proveito que a camara, por ventura, podesse tirar, derogando-o, e fazendo a arrematação dos estrumes, era infinitamente pequeno, comparado com o prejuizo, que advinha para a pobreza da freguezia.

E as leis e regulamentos devem fazer-se d'harmonia com os costumes dos povos.

3.° As aguas sobejas das fontes e chafarizes. Não é novidade.

Essa receita que não pode ser importante, foi criada pela camara actual, estando até já designado dia para a arrematação.

4.ª Cobrança *rigorosa* de multas não dá nada, sob o ponto de vista financeiro, porqne desde que se fizesse a fiscalisação devida, desappareceriam os transgressores.

5.ª Cobrança de todas as licenças para construção de obras. Não pode ter o illustre articulista, nem pessoa alguma, razão de queixa da actual camara, relativamente a esse assumpto.

Veja-se o rendimento d'essa receita durante os ultimos annos, e façam-se comparações.

E' facil, senão certo, que alguem deixe de pagar, mas não ha imposto algum que seja pago integralmente e por todos os devedores, e a culpa não pode attribuir-se aos empregados encarregados da fiscalisação.

6.° Taxas para licença de caçar não é receita nova.

Existem no nosso concelho impostos aos extranhos.

No primeiro anno em que se estabeleceu, produziu a receita de 50$000 reis; no anno seguinte 4$000 ou 6$000 reis, e depois coisa alguma.

A razão é facil.

No 1.° anno tinha a camara uma auctoridade administrativa, que a coadjuvou, não permittindo, que se caçasse sem essa licença.

No 2.° anno desappareceu esse auxilio, e lá se foi a receita.

Sobre a prestação de trabalho nada dizemos, por hoje, esperando as considerações do illustre articulista, a que responderemos devidamente e em termos.

O FIEL

Na luz do seu olhar tão languido, tão doce,
Havia o quer que fosse
D'um intimo desgosto:
Era um cão ordinario, um pobre cão vadio,
Que não tinha coleira e não pagava imposto.
Acostumado ao vento e acostumado ao frio,
Percorria de noite os bairros da miseria
A' busca d'um jantar,
E, ao vêr surgir da lua a pallidez etherea,
O velho cão uivava uma canção funerea,
Triste como a tristeza oceanica do mar.

Quando a chuva era grande e o frio inclemente
Elle ia-se abrigar ás vezes nos portaes;
E mandando-o partir partia humildemente,
Com a resignação nos olhos virginaes.
Era tranquillo e bom como as pombinhas mansas;
Nunca ladrou d'um pobre á escapa esfarrapada;
E, como não mordia as temidas crianças,
As crianças então corriam-no á pedrada.

Uma vez, casualmente, um misero pintor,
Um bohemio, um sonhador,
Encontrára na rua o solitario cão;
O artista era uma alma heroica e desgraçada,
Vivendo n'uma escura e pobre agua-furtada,
Onde sobrava o genio e onde faltava o pão.
Era d'esses que têm o rubro amor da gloria
O grande amor fatal,
Que umas vezes conduz ás pompas da victoria
E que as outras vezes leva ao catre do hospital,

E ao ver por sobre o lodo o magro cão plebeu
Disse-lhe:—«O teu destino é quasi egual ao meu:
Eu sou, como tu és, um proletario roto,
Sem familia, sem mãe, sem casa, sem abrigo;
E quem sabe se em ti, ó velho cão do esgoto,
Eu não irei achar o meu primeiro amigo!...»

No ceu azul brilhava a lua etherea e calma;
E do rafeiro vil no mysterioso olhar
Via-se o desespero e a ancia d'uma alma
Que está encarcerada, e sem poder falar.
O artista soube ler n'aquelle olhar em braza.
A eloquente mudez d'um grande coração
E disse:—«Fiel, partamos para casa,
Tu és o meu amigo e eu sou o teu irmão.—»

E viveram depois assim por largos annos,
Companheiros leaes, heroicos puritanos,
Dividindo igualmente as privações e as dôres.
Quando o artista infeliz, exhausto e miseravel,
Sentia esmorecer o genio inquebrantavel
Dos fortes luctadores;
Quando até lhe acudia ás vezes á lembrança,
Partir com uma bala a derradeira esp'rança,
Pôr um ponto final no seu destino atroz,
N'esse instante do cão os olhos bons, serenos,
Murmuravam-lhe:—Eu soffro, e a gente soffre menos
Quando se vê soffrer tambem alguem por nós.—

Mas um dia a Fortuna, a deusa millionaria,
Entrou-lhe pelo quarto e disse alegremente:—
«Um genio como tu, vivendo como um pária,
Agrilhoado da fome á lugubre corrente!
Eu devia fazer-te ha muito uma surpreza,
Eu devia ter vindo aqui p'ra te buscar;
Mas moravas tão alto! e digo-o com franqueza
Custava-me a subir até ao sexto andar.
Acompanha-me; a gloria ha de ajoelhar-te aos pés!...»

E foi; e ao outro dia as boccas das Phryéns
Abriram para elle um riso encantador;
A gloria deslumbrante illuminou-lhe a vida
Como bella alvorada esplendida, nascida
A toques de clarim e a rufos de tambor!

Era feliz. O cão
Dormia na alcatifa á borda do seu leito,
E logo de manhã vinha beijar-lhe a mão,
Ganindo, com um ar alegre e satisfeito.
Mas ai! o dono ingrato, o ingrato companheiro,
Mergulhado em paixões, em gosos, em delicias,
Já pouco tolerava as festivaes caricias
Do seu leal rafeiro.

Passou-se mais um tempo; o cão, o desgraçado,
Já velho e no abandono,
Muitas vezes se viu batido e castigado
Pela simples razão de acompanhar seu dono.
Como andava nojento e lhe caia o pêlo,
Por fim, o dono até sentia nojo ao vêl-o,
E mandava fechar-lhe a porta do salão
Metteram-no depois n'um frio quarto escuro,
E davam-lhe a jantar um osso branco e duro,
Cuja carne servira aos dentes d'outro cão.

E elle era como um roto, ignobil assassino,
Condemnado á enxovia, aos ferros, ás galés:
Se se punha a ganir, chorando o seu destino,
Os criados brutaes davam-lhe pontapés.
Corroera-lhe o corpo a negra lepra infame.
Quando exhibia ao sol os podridões obscenas,
Poisava-lhe no dorso o causticante enxame
Das moscas das grangrenas.

Até que um dia, enfim, sentindo-se morrer,
Disse: «Não morrerei ainda sem o ver;
A seus pés quero dar meu ultimo gemido...»

E arrastando-se quasi exhausto, moribundo,
Metteu-se-lhe no quarto, assim como um bandido.
E o artista, ao entrar, viu o rafeiro immundo,
E bradou com violencia:

«Ainda por aqui o sordido animal!
E' preciso acabar com tanta impertinencia,
Que esta besta está podre e vae cheirando mal!»
E, poisando-lhe a mão cariciosamente,
Disse-lhe com um ar de muito bom amigo:
«O' meu pobre Fiel, tão velho e tão doente,
Ainda que te custe anda d'ahi comigo»
E partiram os dois. Tudo estava deserto.

A noite era sombria; o caes ficava perto;
E o velho condemnado, o pobre lazarento,
Cheio de immensas maguas
Sentiu junto de si como um presentimento
O fundo soluçar monotono das aguas.

Comprehendeu, emfim! Tinho chegado á beira
Da corrente. E o pintor,
Agarrando uma pedra atou-lh'a na coleira
Friamente, cantando uma canção de amor.

E o rafeiro sublime, impassivel, sereno.
Lançava o grande olhar ás negras trevas mudas
Com aquella amargura ideal do Nazareno
Recebendo na face o osculo de Judas.
Dizia para si: «E' o mesmo, pouco importa,
Cumprir o seu desejo é esse o meu dever,
Foi elle que me abriu um dia a sua porta;
Morrerei, se lhe dou com isso algum prazer.»

Depois, subitamente,
O artista arremassou o cão na agua fria,
E ao dar-lhe o pontapé caiu-lhe na corrente
O gorro que trazia.
Era uma saudosa, adorada lembrança,
Outr'ora concedida
Pela mais caprichosa e mais gentil criança,
Que amara, como se ama uma sò vez na vida.

E ao recolher a casa do cão elle exclamava irado
«E por causa do cão perdi o meu thesoiro!
Andava bem melhor se o tenho envenenado!
Maldito seja o cão. Dava montanhas d'oiro,
Dava a riqueza, a gloria, a existencia, o futuro.
Para tornar a ver o precioso objecto,
Doce recordação d'aquelle amor tão puro.»
E deitou-se nervoso, allucinado, inquieto.
Não podia dormir.
Ao nascer da manhã o vivido clarão
Sentiu bater á porta! Ergueu-se e foi abrir.
Recuou cheio de espanto; era o Fiel, o cão,
Que voltava arquejante, exanime, encharcado,
A tremer e a uivar, no ultimo exterior,
Caindo-lhe da bocca, ao tombar fulminado,
O gorro do pintor!

Guerra Junqueiro.

O annuncio das obras do sr. Theophilo Braga

O annuncio das obras *do maior pensador latino* — decidamente escripto por *elle mesmo* — onde a charlataneria é levada á quinta-essencia, teve ainda o poder de me causar espanto.

Leiam:

1.° Vamos imprimir as obras completas de Theophilo Braga em um corpo systematico—no qual a par do aperfeiçoamento final que o auctor dê a cada volume *se reconheça a ligação intima das doutrinas que o dirigiam no vasto plano* da sua actividade mental.

2.° *Subordinada* a um ponto de vista *synthetico*, que o *dirigiu sempre* em todos os seus trabalhos (!).

(E nós já vimos, que se accusou de um *criterio anarchico, de não ter uma philosophia* que lhe fornecesse uma vista de conjuncto),etc.

3.° Desde 1858 que Theophilo Braga deu ao prelo o seu primeiro livro de *lyrismo pessoal*.

(Este lyrismo *pessoal* é o que mais me revela ser a mão do *philosopho*, que compoz o annuncio).

4.° As suas obras, *inspiradas* por uma noção philosophica, coordenam-se *naturalmente* em tres ordens de concepções, que *psycologicamente* se subordinam em manifestação *ascencional*, e que mutuamente se completam—primeiramente a elaboração esthetica, em que se patenteia o artista—e em que a idealisação poetica provocou a meditação.

5.° Seguiu-se-lhe uma *phase* scientifica, *especialmente* dedicada á *Ethnographia* como base de *investigação* para a historia litteraria, juridica e politica.

6.° Por ultimo, a anterior idealisação da Epopêa da Humanidade e o estabelecimento da solidariedade dos povos romanicos pela Historia coadjuvaram os trabalhos da especulação philosophica, que se *concentram fundamentalmente em uma systematisação da sociologia*—(temos que deslindar).

7.° N'este contorno geral de um labor continuo de quarenta annos a sua *concepção philosophica* (?) foi *definindo-se* nas *diversas correntes doutrinarias* a que o espirito obedeceu *procurando a orientação normal* (?). (Esta é famosa).

8.° Começa pela influencia de *Vico*, de que lhe proveio o interesse pelos factos da *Ethnogenia*—recebe de *Hegel* a comprehensão dos phenomenos estheticos, e essa exagerada importancia, que ligou por algum tempo ao *germanismo*, e assimila em *uma crise de renovação* mental a synthese positiva de Augusto Comte, onde foi encontrar bem definidas as *relações theoricas* d'estes tres emminentes pensadores.

(Nós já notamos as contradições, que ha n'esta parolagem, que affecta de transcendente e que não é senão ridiculamente pedantesca).

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

Sois novo, e portanto ninguem pode exigir-vos as virtudes que tornam admirado e querido o nobre Pedro-Angelo; porém, a vossa intelligencia e bons sentimentos são por si só o bastante para que possais entrar em toda a parte confiadamente, sem necessidade de vos occultar na sombra de vosso pai. Animai-vos, pois; vosso pai já me prometteu jantar comigo depois d'amanhã. Convem-vos esse dia para o acompanhar?

Tendo Miguel acceitado, esforçando-se em esconder a sua perturbação e surpreza n'um modo indifferente, accrescentou o marquez:

—Agora, permitti-me dizer-vos que havemos de jantar secretamente, porque vosso pai foi outr'ora accusado; eu sou malvisto do governo, e temos ainda inimigos que poderão denunciar-nos como conspiradores.

—Adeus, bôa noite, Miguel, até breve! dizia, a princeza, que observava perfeitamente a sua estupefacção; faz-nos o favor de acreditar que sabemos apreciar o verdadeiro merito, e que para conhecermos o de teu pai esperavamos que o teu se revelasse. Elle é nosso amigo ha muito tempo, e se á nossa mesa se não senta todos os dias, é para não ser notado, e poupal-o ás pesquizas dos seus adversarios.

Miguel estava embaraçado e confundido, posto que n'este momento não quizesse de modo algum deixar apparecer a sua alegria pelos repentinos favores da sorte; comtudo, no intimo sentia-se mais humilhado que satisfeito pela lição que vinha de receber

«Porque foi, na verdade, uma lição, dizia comsigo, quando a princeza e o marques, encontrados por outras pessoas se retiraram, fazendo-lhe um affectuoso signal de despedidos; bem quizeram dar-me a entender, estes grandes senhores, espiritos fortes e philosophos, que a sua protecção era mais uma homenagem rendida a meu pai do que a mim-mesmo Consideram-me por causa d'elle, e não a elle por minha causa; não é pois o meu proprio merito que me attrae estas distincções, mas a virtude de meu pai.

Oh! Meu Deus! perdoai-me os meus pensamentos orgulhosos que me incitavam a começar a minha carreira distante d'elle! Eu era insensato, criminoso; recebi uma lição profunda d'estes poderosos senhores aos quaes eu queria impôr o respeito pela minha origem, e que o têm, ou fingem tel-o muito antes do que eu no coração.»

Depois, de repente, o orgulho ferido d'este joven artista, exalta-se. «Estou aqui! exclama apoz alguns momentos de consideração—esta gente só trata de politica: conspira constantemente. Talvez que nem mesmo se tenham dado ao encommodo de olhar para as minhas pinturas, ou até nem a saberão apreciar.

Escolhem e elogiam meu pai, que é um de seus instrumentos, e procuram tambem aliciar-me. Pois bem! se querem despertar em mim o patriotismo sociliano, que procedam d'outro modo, e não contem com explorar a minha juventude sem proveito para a minha gloria! Sei o que pretendem; mas elles hão-de aprender a conhecer-me. Quero ser victima d'uma causa nobre, mas não logrado pelas ambições alheias.

XV

Amor Romanesco

Mas, dizia ainda Miguel, os patricios serão todos o mesmo n'este paiz? A idade d'ouro ainda existe em Catania e só os creados é que conservam o orgulho do prejuizo?

O intendente acabava de passar perto d'elle e de saudal-o com ar triste e acabrunhado Sem duvida havia de ter sido reprehendido, ou esperava sel-o.

Miguel ia retirando-se quando deu com Pedro occupado a segurar o sobretudo d'um velho fidalgo cuja pouca firmeza lhe impedia de encontrar as mangas facilmente Miguel envergonha-se ao deparar com este espectaculo e anda mais ligeiro. A seus olhos, o pai era demasiado bonachão, e o homem que acceitava os seus serviços dava um desmentido formar ás conjecturas que ha pouco tinha feito acerca da nobre bondade dos grandes.

Porém, não escapou á humilhação, quando fugia.

Oh! exclama Pedro-Angelo, elle ahi está, senhor! Perguntasteis-me se era bonito rapaz, vede-o agora»

—E' verdade! é muito elegante, este bregeiro! diz o velho fidalgo, postando-se em frente de Miguel e medindo-o dos pés á cabeça, ao passo que se ia envolvendo no seu agasalho Está bem! gosto muito da tua pintura decorativa, rapaz; reparei muito n'ella!

Estava dizendo isto mesmo a teu pai, que eu conheço desde ha muito tempo.

Serás merecedor de lhe succeder um dia na posse da sua clientella; e se não fôres vadio, nunca serás abandonado, e se tal te acontecer a culpa tel-a-has tu sómente. Vai chamar o meu carro; avia-te: esta noite está um vento um pouco fresco, que não faz bem quando se sahe d'uma asphixiante barafunda de gente.

—Mil perdões, ex.mo senhor, responde Miguel furioso, não me exponho a esta briza, pode tambem fazer-me mal.

—Que diz elle? pergunta o velhote a Pedro-Angelo.

—Diz que está á porta o carro de S. Ex.ª, responde Pedro esforçando-se em conter uma forte gargalhada.

—Está bem, tu e elle ganhareis o salario em minha casa quando eu tiver obra para vos dar

—Ah! meu pae! exclama mal o velho tinha sahido, vos rides! este homem inepto trata-vos como um creado e rindo vos prestaes a servil-o!

—Porque é que te escandalisas? Rio mais da tua colera que da grosseria do velhote. Não prometti ajudar em tudo os creados da casa? Acho-me aqui, elle pede-me o seu sobretudo, é velho, infermo, estupido, tres razões para me compadecer d'elles. E por que havia eu de desprezal-o?

—Porque elle mesmo vos despreza.

—Segundo o teu pensar, mas não segundo a idêa que elle faz d'este mundo. E' um velho devoto, outr'ora libertino=antigamente corrompia as filhas dos plebeus hoje é caritativo para com as pobres mães de familia. Deus perdoar lhe ha sem duvida, e por que hei-de eu ser mais imperioso que o bom Deus? A differença que a sociedade estabeleceu entre os homens não é tão real nem tão seria como julgas, meu filho. Tudo isso desapparece pouco a pouco, e se aquelles que tem o coração irascivel se não obstinassem tanto, toda esta barreira não passaria em breve de vãs palavras.

Eu rio dos que se julgam mais do que eu, mas não me escandaliso nunca. O homem não tem o poder de humilhar-me, quando a minha consciencia está tranquilla.

(Continúa).

Clara de Miranad.